

A CAUDA DO DIABO: ANTONIO GRAMSCI NA PERSPECTIVA DE JOSÉ ARICÓ¹

Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves²

jurucemattos@gmail.com

UEG

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de problematizar a contribuição de José Aricó (1931-1991) para uma leitura latino-americana da obra de Antonio Gramsci. O intelectual argentino foi um dos principais divulgadores da obra do autor dos *Cadernos do cárcere*. Segundo Aricó, Gramsci encontrou na América Latina uma difusão sem igual de seu pensamento, a ponto de formar parte de nossa cultura americana, como patrimônio comum de correntes de pensamento democráticas, reformadoras e revolucionárias. Essa vigorosa irradiação latino-americana do gramscismo não teve paralelo nem mesmo na terra natal do comunista italiano, daí sua importância para a esquerda. Fazemos o seguinte questionamento: o pensamento gramsciano pode ser considerado um fator de unidade para a esquerda dos diferentes países latino-americanos?

Palavras-chave: América Latina – Antonio Gramsci – José Aricó – Cadernos do Cárcere - pensamento gramsciano

Abstract

This paper aims to problematize the contribution of José Aricó (1931-1991) for a latin american reading work of Antonio Gramsci. The argentine intellectual was one of the main promoters of the author's work of the *Prison Notebooks*. According Aricó, Gramsci found in Latin America diffusion unique your thinking as to form part of our Latin American culture, as the common heritage of streams of democratic, reformers and revolutionaries thoughts. This vigorous Latin American irradiation of gramscism had no parallel even in the birthplace of the italian communist, hence its importance to the left. We make the following question: Gramscian thinking can be considered a factor of unity to the left of the different Latin American countries?

Keywords: Latin America – Antonio Gramsci – José Aricó – Prison's Notebooks - Gramsci's thought

¹ Artigo recebido: 17.01.2015. Artigo aprovado: 20.06.2015.

² Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH/UFG).

– Por que Gramsci?

José Aricó: – Porque em Gramsci encontrávamos, mais do que posições claras sobre distintos problemas, uma maneira de ver as coisas e de analisá-las. Nós pensávamos que esse teria que ser o modo em que os comunistas devíamos organizar a mirada da realidade.

Horácio Crespo (Ed.). *José Aricó: Entrevistas: 1974-1991.*

José Aricó: um intelectual orgânico de fora da academia³

José Maria Aricó (1931-1991), ou simplesmente “Pancho” Aricó, nasceu em Vila Maria, na província de Córdoba, na Argentina. Faleceu em Buenos Aires. Ainda na adolescência, em 1947, ingressou no Partido Comunista Argentino (PCA), cujo semanário *Orientación* lhe trouxe as primeiras noções de marxismo e, em 1950, contato com Antonio Gramsci, quando apareceu nas páginas do periódico comunista o prefácio de Gregorio Berman às *Cartas do cárcere*, publicadas pela casa editorial italiana Einaudi em 1947. Aricó diz que ficou impressionado com Gramsci, pois ele reunia em si duas características que o singularizaram: o intelectual independente e o militante político. Isso era muito significativo para Aricó, pois suas principais preocupações eram a reflexão teórica, a leitura dos livros e a militância política. Gramsci era considerado um autor secundário no PCA, que indicava aos seus militantes o marxismo oficial da Academia de Ciências Sociais da União Soviética. Adquiriu as obras de Gramsci numa livraria da cidade de Córdoba, entre 1950 e 1953.

Nos anos 50, Aricó fazia parte do comitê provincial do PCA, do qual escondia que lia Gramsci. Mas isso não era segredo, já que seus conhecidos sabiam que era um leitor do marxista italiano, inclusive tendo traduzido, em 1952, *Note sul Machiavelli* para o espanhol quando cumpria o serviço militar (INFRANCA, 2004, p. 31). O que ninguém imaginava é que ele tinha Trotski em sua biblioteca pessoal (CRESPO, 1999, p. 84). Nessa época, Aricó e Juan Carlos Portantiero, com quem teve grande amizade, passam a escrever na revista comunista *Cuadernos de Cultura*, dirigida por Héctor Pablo Agosti, primeiro editor latino-americano dos *Cadernos do cárcere*, que surgiram pioneiramente

³ Agradeço ao meu amigo Pedro Leão da Costa Neto que há alguns anos me regalou com dois livros de Aricó, sem os quais as linhas desse artigo não teriam sido escritas. Indicamos aos leitores a obra “*Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*” (Ed. José Aricó. Segunda edição. México: Cuadernos de Pasado y Presente, 1980), que não pudemos analisar neste artigo bem como o site da Biblioteca Aricó: <www.arico.unc.edu.ar>.

na Argentina entre 1958 e 1962, antes mesmo de algumas das principais capitais do mundo. A partir de critérios próprios, Agosti publica a obra capital de Gramsci em vários tomos divididos por temas afins (ÍPOLA, 2005, p. 19).

Nos anos 1960, Aricó intensificou sua atividade intelectual, o que contribuiria para a desprovincialização do marxismo na Argentina em um sentido de distanciamento do marxismo soviético. Em 1961, publica *Letteratura e vita nazionale* e, em 1963, funda com Portantiero a célebre revista com título gramsciano *Pasado y Presente – Revista Trimestral de Ideologia e Cultura*, abrindo através de Gramsci concepções diferenciadas do PCA. O projeto político de *Pasado y Presente*, fundamentado em um “marxismo pós-1956” (ÍPOLA, 2005, p. 12), leva o grupo à expulsão do partido⁴. Aquele foi um período de radicalização de toda uma intelectualidade argentina, passando da moderação do partido à experiência da luta armada. (KOHAN, 2005 e INFRANCA, 2004, p. 31)

O primeiro número do periódico trouxe artigos de Aricó, Portantiero, Hector Schmucler, Enrique L. Revol, Jose Carlos Chiaramonte, Oscar del Barco, Gregorio Bermann, Mauricio Hesse; bem como a polêmica do “historicismo” marxista debatida por Cesare Luporini, Lucio Colletti, Nicola Badaloni, Enzo Paci, Della Volpe, Alessandro Natta; na sessão Documentos publicou “O método da economia política” de Marx. No artigo de estréia, Aricó incorpora e possivelmente dirige ao PCA uma advertência do partigiano Giancarlo Pajetta:

Nada teremos aprendido de nossa experiência e de nossa doutrina si cremos que possuímos uma verdade bela e terminada e exigimos aos demais homens que a aprendam, como um fácil catecismo. Então nosso partido não estaria vivo, não veria os jovens afluir com entusiasmo e heroísmo, seria um museu ou uma galeria de solenes pinturas a óleo ou simplesmente um partido conservador em vez de revolucionário. (ARICÓ, 1963, s/p.)

⁴ Interessante notar o relato de Aricó sobre a organização da revista e a expulsão do PCA, que explica esse momento de sua trajetória: “Em 1963, da confluência de gente de Buenos Aires e de Córdoba surge *Pasado y Presente*. [...] Não havia um diretor mas sim um Comitê de Redação. Nós nos propusemos um reexame de uma série de questões. [...] Pretendíamos fazer isso desde o interior do PC. Nosso primeiro número estava todavia instalado no campo do PC mesmo quando o redigiram comunistas e não comunistas. Nos propomos provocar uma mudança ou, pelo menos, uma abertura desde o interior do Partido que permitisse um debate sem limites de todos esses problemas. [...] esse primeiro número a direção do PC em Córdoba nos reúne todos os redatores para brindar e nos felicita pelo nascimento da revista. O questionamento proveio logo da direção nacional do Partido. [...] A isto segue um fulminante ditame da direção nacional ordenando a dissolução do grupo, a suspensão imediata da publicação da revista.” (CRESPON, 1999, p. 70)

1963 é um ano marcante, pois a recém nascida *Pasado y Presente* estabeleceria um vínculo orgânico com o *Ejército Guerrillero del Pueblo* (EGP) – este é um capítulo um tanto quanto esquecido da trajetória de Aricó. A guerrilha foi dirigida pelo jornalista Jorge Ricardo Masetti (“El Comandante Segundo”) e respondia à direção política de Che Guevara, que desejava retornar à terra natal. O foco guerrilheiro estabelecido na província nortenha de Salta teve vida breve, em 1964 Masetti foi morto e o EGP acabou derrotado. Isso levaria a uma viragem teórica da revista gramsciana: a tática da guerra revolucionária é abandonada ao passo que retoma o conselhismo, enfatizando a autonomia operária. Era a clara adoção de uma linha obreirista clássica. No entanto, a mudança de norte teórico foi realizada sem a necessária autocrítica – isso, a ausência da autocrítica entre os intelectuais de *Pasado y Presente*, diz Néstor Kohan, foi uma característica constante (KOHAN, 2005, s/p.). Neste sentido, a observação de Pajetta citada, é apenas o esboço de uma autocrítica, já que é breve demais e insuficiente. Já para Horácio Crespo, Aricó foi “obrigadamente assistemático” (ÍPOLA, 2005, p. 13), por causa do contexto dos anos 60 e 70, período repleto de urgências e, acrescentamos, marcado pela expectativa de uma revolução que ilusoriamente despontava no horizonte.

Aricó teve ainda estreitos vínculos com outra publicação gramsciana célebre dos anos 60: a revista *La Rosa Blindada*. Dirigida por José Luis Mangieri, editou livros e textos de Gramsci. Além dessas revistas, havia ainda o *Centro de Investigaciones en Ciencias Sociales* (CICSO), que fazia uma leitura diferenciada de Gramsci, partindo de um viés sociológico distinto. (KOHAN, 2005, s/p.)

Pasado y Presente é fechada, o último de nove números sai no mês de setembro de 1965. Aricó funda selos editoriais: *Editorial Universitaria de Córdoba* (EUDECOR) e GARFIO, sugestivo nome desse editorial dedicado à edições piratas e ilegais. Pouco tempo depois, surgem os *Cuadernos de Pasado y Presente*, que se pautou pela publicação de títulos marxistas heterodoxos e radicais que se tornariam leitura essencial para gerações de militantes da América hispanófono e da Espanha onde se difundiam ilegalmente. Em relação aos *Cuadernos de Pasado y Presente* diz seu idealizador:

Nos propomos encarar a tarefa de exumar textos e recompor tradições e fazê-lo através de uma fórmula editorial que pudesse ser compreendida por um público de esquerda aferrado em módulos teóricos, políticos e organizativos que considerávamos anacrônicos. Queríamos mostrar que o marxismo e que o movimento social que encontrou nele sua fonte de inspiração era infinitamente mais diversificado que a visão tradicional sustentada pela esquerda, que não havia uma linha reta de continuidade entre Marx e o

movimento socialista atual, que o marxismo era um povo de modelos, escolas, tendências, muito diferenciadas. (CRESPO, 1999, 32)

Com uma linha plural e heterodoxa, Aricó fundaria ainda o editorial *Signos* e, logo em seguida, a *Siglo XXI Argentina*, responsável por uma prestigiada edição de *O Capital* e pela publicação da *Biblioteca del Pensamiento Socialista*, na qual saiu os *Grundrisse* de Marx. Aricó assinalava-se assim como um dos mais importantes editores da esquerda latino-americana.

Aricó e Portantiero voltariam a se vincular, nos anos 70, com a luta armada. Estreitam vínculos com as *Fuerzas Armadas Revolucionarias* (FAR) e os Montoneros – neste caso, uma ligação acrítica com o peronismo de esquerda (ÍPOLA, 2005, 13). Ao mesmo tempo, em 1973, *Pasado y Presente* regressa de forma fugaz com a linha teórica do obreirismo de conselhos operários (inspirada no jovem Gramsci) e na centralidade social da fábrica (KOHAN, 2005). Com o golpe de 1976, que instaurou na Argentina uma das ditaduras mais sangrentas da história da América latina, o grupo de Aricó se exila no México e se incorpora na Siglo XXI México e na *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM).

No exílio, Aricó escreveu obras fundamentais: uma extensa introdução à *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano* (1978), na qual traça um paralelo do peruano com Gramsci, e *Marx y América Latina* (1980)⁵. Em relação a esta, problematiza a interpretação de Marx sobre Simón Bolívar e a América Latina, a qual teria emitido conclusões “absurdas” e “injustas”, o que seria a demonstração da relação “laica” estabelecida por Aricó com o marxismo (ÍPOLA, 2005, p. 15 e 18). Ademais, em 1977, Aricó reafirma a adesão à Che Guevara em um texto “esquecido” pelo *Club de Cultura Socialista*⁶.

⁵ A obra foi traduzida no Brasil: ARICÓ, José. *Marx e a América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Tradução de Maria Celeste Marcondes.

⁶ O que explica essa adesão é o seguinte fragmento: “Queremos reivindicar la figura de un dirigente revolucionario, poseedor de una experiencia no por breve menos rica, de un conocimiento de la teoría no por heterodoxa menos profunda, de una ética no por utópica menos realizable. Queremos mostrar que en su etapa de revolucionario “constructivo” de la nueva sociedad, Guevara supo partir de una concepción clara de lo que se debía y podía lograr y de un conocimiento adecuado de los medios a los que era preciso apelar para conquistarlo. Es posible que sea aún prematuro pensar en la reconstrucción científica y no apologética del pensamiento de Guevara, y que resulte inevitable la etapa presente de exaltación de su ejemplo, de su intransigencia revolucionaria, de sus esperanzas en un hombre nuevo. Es demasiado profundo el sacudimiento que provocó su presencia en la conciencia de los latinoamericanos y de todos los oprimidos del

É no México que o grupo de Aricó vai passar por uma profunda inflexão influenciada pela esquerda moderada europeia, principalmente pelo eurocomunismo. Qualquer opção radical passa a ser rechaçada e Cuba, a outrora admirada, passa a ser a ilha distante do projeto do grupo. Interessante notar o que diz Aricó:

O que é que se produziu no México? Em essência, uma mudança do ponto de observação, do lugar desde o qual [eu] pensava. E isso tem relevância porque nunca quando se pensa se incorporam nesse pensar as coordenadas do lugar em que, e desde o qual, se pensa. Mas o que não é habitualmente um fato de consciência, se converte, podemos dizer, em um fato de existência quando a mudança se produz. (ÍPOLA, 2005, p. 13-14)

Desta maneira, a viragem ideológica aparece para Aricó muito mais como uma mudança subjetiva ocasionada pelo exílio, algo existencial, do que uma questão política, o que é mais fundamental para seus críticos. O giro à moderação foi alvo da crítica de intelectuais como Pablo González, Atilio Borón, James Petras, Agustín Cueva, entre outros. Paradoxalmente, o México foi o *locus* da concretização de obras de uma alta reflexão teórica – original no plano analítico –, mas também da aproximação à social-democracia e, o que hoje soa absurdo, do apoio à Guerra das Malvinas (o derradeiro fôlego da ditadura argentina). O grupo de Aricó passa a ter na democracia e na governabilidade seu eixo político fundamental sob o qual ficará submetido o socialismo e soterrada a luta de classes:

A pretensão de manter unidos democracia e socialismo supõe na prática política a luta para construir uma ordem social e política na qual o conflito permanente da sociedade encontre formas de resolução que favoreçam sua democratização sem gerar sua ingovernabilidade. [...] uma esquerda moderna que rechace o uso acrítico da ideia e da proposta de participação como um talismã de cura de todos os males não pode deixar de considerar o problema que segue sendo a democratização desde abaixo uma forma eficaz de atividade popular, *é ou pode ser* uma ameaça presente ou potencial para a estabilidade

mundo como para que pueda abrirse paso con facilidad el juicio ponderado y justo de la validez de su acción y de su pensamiento. Pero debemos reconocer que ésta sigue siendo una deuda que todos tenemos con él y con la revolución latinoamericana. Porque no se trata simplemente de ajustar cuentas con un pasado, de arribar a un juicio histórico que nos permita explicar, sin mentirnos a nosotros mismos, el sentido de todo lo que ocurrió. El Che murió defendiendo la causa de los explotados y de los oprimidos de este continente y del mundo entero, sacrificó su vida en la realización de un proyecto de nueva sociedad que aún debe ser conquistado. Comprender su pensamiento y acción es también analizar los problemas que hace aflorar la revolución aquí y en el mundo, reconocer las dificultades que debe sortear el socialismo para ser real y no formal. En un momento de crisis y de perplejidades, el rescate del Che representa una toma de partido que divide tajantemente las aguas, que define claramente los campos. Adoptar el partido del Che significa reafirmarse en la convicción de que el socialismo y el hombre nuevo siguen siendo objetivos realizables, por los que vale la pena la lucha y el sacrificio. Cuando se quiere identificar al socialismo con la barbarie y se descrea de la capacidad de los hombres de liberarse de las lacras del capitalismo para alcanzar una sociedad sin clases, igualitaria y libre, el pensamiento del Che se revela como el antídoto de la decepción, como esa sabia conjunción de pesimismo de la conciencia y de optimismo de la voluntad que reivindicaba Gramsci como lema de todo revolucionario cabal.” (Citado por KOHAN, 2005, s/p. – no espanhol original)

das instituições democráticas se não se inclui alguma forma de vontade coletiva. (ARICÓ, 2005, p. 151-2 – grifos no original).

Assim, nessa concepção, a luta de classes é substituída por um deforme “conflito permanente da sociedade” e a ameaça à governabilidade e às supostas “instituições democráticas” passa a vir de baixo, do povo pobre e oprimido, da classe trabalhadora explorada. É uma assombrosa guinada à direita.

Com o fim da ditadura (1976-1983), o grupo funda o *Club de Cultura Socialista*, que, segundo um de seus membros, Emilio de Ípola, afirmou-se na “reivindicação teórica e prática da democracia” (ÍPOLA, 2005, p. 14). Isso ocorreu com o custo do grupo abandonar uma de suas características fundamentais: a reivindicação da revolução, que alimentara sua ação e organização desde pelo menos os anos 60. Apesar dessa dramática inflexão, Aricó seguiu reafirmando o socialismo: “[...] movo-me dentro do horizonte do socialismo e pouco me interessa que muitos outros que lutam por aspirações equivalentes consideram que a teoria e a prática do socialismo já cumpriu seu papel.” (CRESPO, 1999, p. 37) Mesmo tendo aderido à social-democracia, é interessante notar que Aricó, em 1989, a menos de dois anos de seu falecimento, criticou os social-democratas leitores de Gramsci como um “gramscismo de salão” (CRESPO, 1999, p. 327).

Questionamos em que medida o exílio no México causou ao grupo de *Pasado y Presente* o que o seu líder já advertira em 1974: “*Se uma organização política é colocada pela força dos fatos em uma relação de exterioridade com a classe, ao fim inevitavelmente resultaria sua degeneração em uma seita doutrinária e politicamente ineficaz [...]*” (ARICÓ, 1974, p. 115). cremos que essa pode ser uma das chaves interpretativas da dramática viragem ideológica de um dos grupos fundamentais da esquerda latino-americana. Uma possível inorganicidade teria levado ao transformismo⁷.

Aricó foi um brilhante intelectual orgânico de esquerda fora da academia, sem títulos e sem torre de marfim. Sua principal contribuição foi na edição de obras

⁷ Gramsci define o *transformismo* como a “*ação hegemônica intelectual, moral e política*” pela qual a classe dominante obtém “[...] a absorção gradual mas contínua, e obtida com métodos de variada eficácia, dos elementos ativos surgidos dos grupos aliados e mesmo dos adversários e que pareciam irreconciliavelmente inimigos. Neste sentido, a direção política se tornou um aspecto da função de domínio, uma vez que a absorção das elites dos grupos inimigos leva à decapitação destes e a sua aniquilação por um período frequentemente muito longo.” (GRAMSCI, 2007, p. 2011 – tradução da edição brasileira)

fundamentais que contribuíram para a formação da esquerda latino-americana e até mesmo da Espanha. Sua heterodoxia contribuiu para esclarecer gerações de militantes, livrando-as de catecismos, principalmente o estalinista. Corroboramos Kohan: Os brilhantes gramscianos argentinos dos anos 60 deixaram o exemplo de estudar e publicar não para enriquecer, mas para mudar o mundo. Essa trajetória inspira o intelectual orgânico que ganha a vida na academia; é uma alternativa ao ambiente universitário tomado pela vaidade e pela arrogância que costumeiramente caracterizam parte da *intelligentsia* acadêmica.

Apesar do dramático giro à direita de Aricó e dos intelectuais que o acompanharam, vale a pena conhecer e refletir sobre a trajetória desse homem que foi um dos maiores intelectuais orgânicos da classe trabalhadora latino-americana.

O Gramsci de José Aricó

José Aricó é um dos protagonistas da divulgação da obra de Gramsci na América Latina, assim como é Carlos Nelson Coutinho no Brasil. Iniciada nos anos 50 na Argentina, a difusão do gramscismo irrompeu a cultura política da esquerda do subcontinente. É verdade que a direita tentou apropriar-se de Gramsci⁸, no entanto os *Cadernos* foram elidos no sentido da revolução. É bastante interessante o lugar que ocupa Gramsci para Aricó:

Enquanto o leninismo foi a resposta teórica e prática à crise do marxismo da Segunda Internacional, em um momento de ofensiva revolucionária das massas, Gramsci teve que resignar-se a ser o teórico da derrota revolucionária, do momento da “defensiva” em uma sociedade cada vez mais complexa e encorajada contra os intentos revolucionários. Não

⁸ Explicamos essa tentativa de apropriação pela direita no Brasil, a partir de algumas leituras espúrias de Gramsci. Caso sabido é o de Oliveiros S. Ferreira, intelectual orgânico da ditadura (1964-1985), procurou apropriar-se do referencial de Gramsci fazendo uma leitura à direita dos *Cadernos do cárcere*. Oliveiros faz uma confusão da hegemonia com o conceito harendtiano de totalitarismo (FERREIRA, 1986). Segundo Carlos Nelson Coutinho, ele procede uma bizarra identificação da “ação hegemônica” com a teoria da guerra de Clausewitz (COUTINHO, 2007, p. 302-303). Francisco Weffort, nos anos 1970, fez algumas tentativas de discutir Gramsci na USP, no entanto, segundo Marco Aurélio Nogueira, “Não se trazia o Gramsci marxista, ou marxista-leninista, ou o Gramsci fiel ao pensamento de Marx. Era o Gramsci a meio caminho entre o marxismo e o liberalismo” (COUTINHO, 2007, p. 290). Um caso que ficou famoso foi o de Fernando Henrique Cardoso. O então Presidente da República, à época já o principal corifeu do neoliberalismo do Brasil – e da América Latina? – em entrevista concedida à reacionária revista *Veja* (10 de setembro de 1997), na qual se afirmou “gramsciano”, FHC disse que Gramsci defenderia um “Estado liberal” (COUTINHO, 2007, p. 298). Esses são casos não apenas do uso instrumental de Gramsci no Brasil, mas, além disso, trata-se de tentativas de apropriação para deturpar aquilo que era fulcral para o comunista sardo e que guiou seu pensamento e sua ação: a constituição de uma sociedade revolucionária de forma superior e total de civilização moderna, na qual inexistirão classes sociais e a consequente divisão entre governantes e governados, construída a partir da destruição do capital.

é casual para ele que, se beneficiando das contribuições de Lenin para elaborar sua análise do papel da superestrutura, Gramsci retorne a Marx e à teoria marxista clássica, por sua vez produto da reflexão de outra derrota: a da revolução europeia de 1848. (ARICÓ, 1974, p. 115)

Gramsci aparece para Aricó com o estatuto de um clássico do marxismo e não como um mero desviante da ortodoxia como fora visto pelo estalinismo. Sua interpretação original é herdeira da mais rica tradição revolucionária.

Para o nosso autor, Gramsci tinha uma concepção de partido totalmente diferenciada da Terceira Internacional. Nesse sentido faz uma definição da concepção gramsciana bastante influenciada pela teoria dos conselhos do jovem Gramsci: as massas devem se organizar de maneira autônoma e o partido mantém com elas uma relação dialética; o novo homem constrói de baixo para cima a organização proletária por meio do controle crescente do processo produtivo; a revolução é o legítimo produto de um processo social protagonizado pelas massas e não de “uma pequena vanguarda que conduz a ação inorgânica das massas até o assalto do poder” (ARICÓ, 1974, p. 117); por fim o poder é exercido pelos órgãos construídos pelas massas, fundamentalmente pelos conselhos, e não pelo partido. O partido passava a ter para Aricó a mera função de apêndice, a revolução seria um fato infraestrutural.

A difusão da obra de Gramsci na América Latina – “*la ‘geografia’ del gramscismo em América Latina*” (ARICÓ, 2005, p. 33) – é para Aricó um fato primordial e incomparável. Isso porque o conhecimento de sua obra, a tradução e a disseminação que adquiriu no subcontinente só encontra comparação na área idiomática de origem, ou seja, na Itália. Essa geografia latino-americana do gramscismo encontra seu primeiro centro difusor em Buenos Aires entre os anos 1958 e 1962, onde e quando se publicaram parcialmente os *Quaderni del carcere* pela primeira vez em espanhol. A versão portuguesa apareceu no Brasil entre 1966 e 1968. Antes desse período já haviam aparecido em terras brasileiras algumas obras à respeito de Gramsci⁹. Além da Argentina e do Brasil, Gramsci teve ainda outro grande centro difusor: o México. Nestes

⁹ Por exemplo: ROSINI, Gofredo. “Enquanto se prepara o ‘Raid’ de Balbo – Como se assassina Antônio Gramsci”, *O Homem Livre*, nº 4, São Paulo, 17 de junho de 1933.

ROLLAND, Romain. *Os que morrem nas prisões de Mussolini: Antonio Gramsci*. São Paulo: Udar, 1935.

GOENDER, Jacob. “A nova democracia italiana (O Partido Comunista de Gramsci e Togliatti)”, *Tribuna Popular*, 13 de outubro de 1945.

três países as edições foram “numerosas, repetidas e de grande circulação” (ARICÓ, 2005, p. 35).

Por conta dessa disseminação ampla e sistemática, “O pensador comunista italiano se introduziu na cultura latino-americana” (ARICÓ, 2005, p. 35). Nesse sentido, suas categorias analíticas integram o discurso teórico de historiadores, de cientistas sociais e de intelectuais; compõem a linguagem habitual de organizações políticas da esquerda. É difícil pensar a realidade latino-americana sem recorrer aos conceitos de Gramsci, como “hegemonia”, “bloco histórico”, “intelectuais orgânicos”, “crise orgânica”, “revolução passiva”, “guerra de posições” ou “de movimento”, “sociedade civil” e “política”, “Estado ampliado”, “transformismo”. Aricó faz a ressalva de que, no entanto, isso nem sempre significou uma apropriação profunda e crítica, ou que se tenha aceitado as hipóteses fundamentais do pensamento de Gramsci. Mais: acrescentamos que os usos de Gramsci são em grande medida meramente instrumentais, o que não deve ser exclusividade do Brasil¹⁰. Mas, de qualquer forma, Aricó avalia que a difusão generalizada do vocabulário de Gramsci indica um “fenômeno de apropriação cultural” (ARICÓ, 2005, p. 36). Houve também a banalização do uso de algumas categorias, o caso emblemático é o da “hegemonia”, que se tornou irreconhecível nas suas significações específicas. Gramsci seria uma figura “mais evocada que conhecida” (ARICÓ, 2005, p. 37).

A difusão de Gramsci na América Latina, ainda que realizada de maneira tortuosa e problemática, serviu de “fermento” para uma “renovação política e moral” (ARICÓ,

¹⁰ Cremos que no Brasil a instrumentalização inorgânica de Gramsci deve ser um processo deveras amplificado, principalmente por causa de dois fatores. (i) No âmbito da universidade, após um período de importante difusão de suas obras nos anos 60 e 70 e o seu *boom* universitário em meados da década de 1970, torna-se hegemônica uma intelectualidade culturalista, liberal, ancorada na “lógica cultural do capitalismo tardio” (pós-modernismo) (JAMESON, 2002), incapaz e desinteressada de ler Gramsci a partir de relações orgânicas com a classe trabalhadora ao passo que, paradoxalmente, a carreira universitária sofreu um processo de proletarização. (ii) Ao mesmo tempo, parte considerável da esquerda se incorporaria o Partido dos Trabalhadores (PT), e a leitura que aí se fez foi deturpada por um pragmatismo intensificado. Gramsci acabou “apropriado para servir a usos e abusos” (SECCO, 2002, p. 75). O que terá acontecido com a leitura de Gramsci no PT com a transformação desse partido em “um dos baluartes do capitalismo no Brasil”? (MUSSE, 2006, p. 13) Antes do surgimento do PT, o PCB fizera uma leitura na qual apostou na “guerra de posições” para lutar contra a ditadura; no entanto isso ocorreu sem qualquer crítica ou rompimento com o marxismo oficial dos manuais soviéticos. Inclusive, quem levou a influência gramsciana ao PT foi o grupo de Carlos Nelson Coutinho, após a saída do PCB no início dos anos 1980 (SECCO, 2002, p. 60-61). Mais recentemente, na universidade surgiram núcleos, pequenos mas importantes, que fazem uma leitura orgânica de Gramsci e interpretam a história em uma perspectiva contra-corrente.

2005, p. 37), o que certamente ainda não se realizou de forma plena. Cremos que a plenitude de um tal acontecimento teria uma relação dialética e concomitante com uma revolução latino-americana ou pelo menos em alguns dos países do subcontinente. Em época de contra-revolução neoliberal, uma profunda reforma política e moral é uma possibilidade ainda não concreta; quando o fermento ainda não fez crescer consideravelmente a massa crítica.

Interessante notar as tentativas de apropriação de Gramsci. Aricó diz que o rechaço de Gramsci à qualquer tipo de interpretação determinista do marxismo e ao valor que dava ao sujeito e à iniciativa revolucionária, tornou possível a aproximação de Gramsci com o castrismo. A concepção da transformação social como um processo que ocorrer de baixo para cima, diz Aricó, permitiu a conversão de Gramsci em um “maoísta *avant la lettre*”. A mais inusitada – e absurda – foi a tentativa de fazer do pensador comunista italiano um “parente ilustre do populismo latino-americano” por conta das relações entre os intelectuais e as massas. (ARICÓ, 2005, p. 38)

No Brasil, há uma disputa pela tradição de Gramsci, como se pudesse pertencer à esta ou àquela tendência ou organização. Segundo Lincoln Secco, os eurocomunistas, particularmente Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira, reivindicaram a inserção ao PCB em uma “operação Gramsci”, na qual o partido teria adotado a linha de “guerra de posição” contra a ditadura. No entanto a “adesão” era eminentemente terminológica, já que a linha mestra continuava sendo a Internacional Comunista (SECCO, 2002, p. 60-69).

Recentemente, Alvaro Bianchi (2008) tentou aproximar Gramsci de Trotski. O autor estabelece um interessante diálogo entre os autores sobre a questão da revolução permanente, o que é bastante importante no sentido de levar às correntes trotskistas um referencial que talvez possa matizar a sua “fragmentação extrema” (DEUTSCHER, 2001, p. 394). Por outro lado, Bianchi exagera quando dá a entender que a *hegemonia* já estava em Trotski desde quando publicou o texto *Balanço e perspectivas*, em 1906¹¹.

¹¹ Escreveu Trotski: “a participação do proletariado em um governo só pode resultar objetivamente provável e admissível em princípio quando se trate de uma participação *dirigente e dominante*. Naturalmente, tal governo pode se chamar de ditadura do proletariado e dos camponeses, dos camponeses e da intelligentsia ou, finalmente, governo de coalizão entre a classe operária e a pequena burguesia. Mas a pergunta continua a mesma: Quem predomina no governo e, portanto, sobre a nação inteira? E se nos referimos a um governo propriamente operário, então a resposta é: a hegemonia será da

Gramsci retoma questões fundamentais da Revolução Russa, mas faz uma necessária mediação para a revolução no Ocidente, onde uma revolução vitoriosa seria mais difícil de se concretizar que no Oriente¹². É certo que na sua obra há o resgate de Lenin, Trotski e Rosa Luxemburgo (MACCIOCCHI, 1976, p. 75-99). Mas Gramsci procederá uma assimilação/superação dialética que é marcante em relação à Lenin, sobre quem fez diversas referências desde 1917¹³. A questão da revolução no Ocidente, fundamental para Gramsci, esteve no cerne das preocupações de Lenin, quando se torna evidente a derrota, principalmente dos revolucionários alemães. A partir daí, no âmbito da Internacional Comunista, haverá a tentativa de traçar uma estratégia para a revolução no Oriente, visando romper o cerco da revolução ocidental (cf. MAZZEO, 2008). Essa problemática é primordial e guiará o pensamento de Gramsci na formulação estratégica nos *Cadernos do cárcere*. No entanto, isso dizia respeito à revolução como um todo em relação ao nó górdio das estratégias e táticas diferenciadas a serem adotadas

classe operária.” (BIANCHI, 2008, p. 239 citando: Trotski, Leon. 1905. *Resultados y perspectivas*. Paris: Ruedo Ibérico, 1971, v. 2, p. 178.)

Outro intelectual identificado com o trotskismo, Michel Löwy (1962), foi o primeiro brasileiro a publicar um estudo político da obra de Gramsci, em artigo publicado na Revista Brasiliense, dirigida por intelectuais do PCB. No entanto, em recente antologia do marxismo na América Latina (LÖWY, 2006), dos cinquenta e quatro autores compendiados, apenas um é gramsciano (Carlos Nelson Coutinho) e há a ausência da importante vertente argentina. Löwy talvez tenha adotado uma posição diametralmente oposta de Bianchi que, assim como Edmundo Dias, se aproximou do gramscismo.

Procedimento parecido com o de Bianchi adotara anteriormente Luciano Gruppi, fazendo de Gramsci um “mero” leninista, já que Lenin estabelecera (antes de Trotski) o “momento da direção” na obra *Que fazer?*, escrita em 1902 (GRUPPI, 1991, p. 33). Gruppi seguira Palmiro Togliatti, que definiu Gramsci como um leninista em linha direta da tradição marxista-leninista (SPRIANO, 1987, p. 263). Essa parece ser a tradicional leitura póstuma da esquerda italiana.

¹² Segundo Carlos Nelson Coutinho, as formações sociais do Oriente, inclusive a Rússia czarista, eram caracterizadas pela debilidade da sociedade civil e pelo domínio quase absoluto do “Estado-coerção”; contrário do Ocidente, caracterizado por uma relação mais equilibrada entre o Estado e a sociedade civil. Isso levou Gramsci a desenvolver a problemática da estratégia da revolução socialista: no Oriente, a revolução se dá pelo ataque frontal voltada para a conquista do Estado (“guerra de movimento”). No Ocidente, de outra maneira, as batalhas se dão mais no âmbito da sociedade civil visando a direção (hegemonia) dos setores majoritários da sociedade, por meio da conquista de posições e espaços (“guerra de posição”). (COUTINHO, 2007, p. 147) Essa característica confere às classes dominantes ocidentais uma sobra de poder e uma conseqüente maior resistência contra-revolucionária.

Em 1926, Gramsci afirmou que: “Nos países capitalistas avançados, a classe dominante possui recursos políticos e organizacionais que ela não possuía, por exemplo, na Rússia. Isso significa que mesmo crises econômicas bastante graves não têm repercussão imediata na esfera política. A política está sempre atrasada, e seriamente atrasada, em relação à economia. *O aparelho de Estado é muito mais resistente do que se poderia crer* e ele consegue, nos períodos de crise, organizar muito mais forças fiéis ao regime do que a crise permitiria suportar.” (MACCIOCCHI, 1976, p. 82 citando: Relatório de Gramsci ao CC do PCI, 2 de agosto de 1926, *Arquivos do PCI – 1926*, 393-43-48 – grifos no original).

¹³ Em 28 de julho de 1917, Gramsci publicará *Os Maximalistas Russos* no jornal *Il Grido del Popolo*, no qual aparece a figura de Lenin.

nas diversas regiões do globo. Seria evidente exagero daí extrair uma “mera” filiação. A superação dialética realizada em relação ao pensamento leniniano é tal que Gramsci termina por fundar uma ciência política eminentemente marxista.

As referências de Bianchi podem até contribuir no sentido de aproximar os trotskistas de um importante referencial – como dito anteriormente, mas não parecem mudar o peso e o caráter da contribuição do comunista sardo, além de trazer a visão distorcida da suposta filiação de Gramsci à Trotski. Pretensioso. Gramsci traz “conceitos novos” (ALTHUSSER, 1979, p. 100), caracterizados pelo ineditismo.

A coincidência de termos apontada pelo autor são expressão dos problemas que as revoluções necessariamente colocam diante dos revolucionários. Parece exagerada a íntima ligação estabelecida entre os pensamentos trotskista e gramsciano. Neste sentido, a superação dialética, que implica continuidade e ruptura, conferiu autonomia ao pensamento de Gramsci que, para José Aricó, é inteiramente original. Nesse sentido, o conceito de hegemonia “o transforma em um ponto de ruptura de toda elaboração marxista que o precedeu, é o fato que é postulado como uma *superação* da noção leninista de aliança de classe [...]” A irredutibilidade de Gramsci à matriz leninista “não pode deduzir uma filiação genérica que mutilaria os elementos de *novidade* de seu pensamento” (ARICÓ, 2005, p. 112-113).

Para Aricó, Gramsci foi o primeiro marxista que parecia falar para os intelectuais. Neste sentido, o partido aparece como “intelectual coletivo” em cujo interior estão os “intelectuais orgânicos”; Gramsci deu um sentido aos intelectuais revolucionários, vistos pelo obreirismo de plantão como pequenos burgueses ou burgueses decadentes. Nas palavras de Aricó: “Gramsci nos permitia vislumbrar um lugar na luta política desde o qual podíamos ser algo mais do que instáveis e suspeitos ‘companheiros no caminho’ do proletariado” (ARICÓ, 2005, p. 39). Tudo isso podia parecer uma ilusão, mas – questiona o autor – “O que foi a experiência da violência armada na América Latina senão uma tentativa de assumir plenamente a política por parte dos intelectuais radicais de esquerda?” A atração dos intelectuais por Gramsci, conta, ocorreu também porque ele fazia uma fina conjugação da ética com a política da qual sua história de vida se desprendia – ele era o “*sol del mundo moral*”, como dizem de Martí os cubanos (ARICÓ, 2005, p. 39-40). Para Aricó, as *Cartas do cárcere*, premiadas em 1947 como obra prima,

“mostravam um homem de convicções profundas disposto a sustentá-las mesmo com o sacrifício de sua pessoa e o seu sofrimento [...]” (ARICÓ, 2005, p. 40).

Para Aricó, o mesmo radicalismo que levaria os intelectuais à luta armada nos anos 60, influenciados pela experiência cubana, carregaria aqueles movimentos armados de esperança e de cegueira. Isso os conduziria à derrota. O reconhecimento desta os levaria a buscar outras formas de ação capazes de conjugar ética e política, realismo e firmeza moral, modificações no presente e antecipações futuras, isso conduziu muitos a descobrir em Gramsci mais do que o homem de cultura e o cidadão virtuoso. E quem mais do que Gramsci se dedicou a pensar as causas da derrota?

[...] porque deixamos de estar soberbamente seguros do que defendíamos reencontramos Gramsci. Foram esses anos impiedosos, de morte e de exílio, os anos em que com heroico furor os intelectuais latino-americanos frequentaram seus escritos, difundiram suas interrogações desde a universidade e de centros de ensino, se apropriaram de suas reflexões para avaliá-las criticamente com uma realidade que se aceitava, finalmente!, mutante e diferenciada. (ARICÓ, 2005, p. 41)

Aricó diz que a partir dos anos 70, partem da academia meditações gramscianas e uma velha querela latino-americana reaparece: os efeitos da dependência em relação à produção das ideias. Essa dependência, diz, não se referia tanto em relação ao pensamento de Gramsci, mas às ideias em geral. Mas, nesse sentido, como poderia ser feita uma leitura latino-americana do pensamento do autor dos *Quaderni*? “*Quais decomposições e recomposições devemos provocar no corpus analítico gramsciano para que esteja em condições de iluminar nossa realidade ou partes desta [...]?*” (ARICÓ, 2005, p. 42) Aricó vai além: quando falamos de América Latina evocamos um problema aberto, uma construção inacabada, ou como disse Mariátegui para sua nação: um projeto à realizar. O sub-continente abriga diversidades profundas e experiências distintas. E, nesse sentido, como um projeto da classe trabalhadora pode, dialeticamente, ser também o projeto de uma nação de nações – a América Latina? Qual seria a contribuição dos gramscianos dos diferentes países da região?

Para Aricó, constituir uma geografia latino-americana do gramscismo é dar de encontro com uma diversidade e pluralidade de caminhos. Portanto, essa geografia só pode ser constituída, diz, sem ignorar seus recortes nacionais. A operação é complexa. Talvez uma das chaves esteja na oportuna aproximação de Gramsci com José Carlos

Mariátegui, o precursor de um pensamento latino-americano. As obras dos autores, sublinha, seguem deslumbrando pelo caráter inacabado, aberto e problematizador (ARICÓ, 2005, p. 45-6).

É bem verdade que entre a biografia de Gramsci e de Mariátegui é possível encontrar uma série de paralelos, impressionantes até, que vai da fragilidade corpórea à grande capacidade intelectual, tendo por primordial a adesão ao marxismo. Ambos desaparecem quando haviam atingido o ponto mais alto de sua produção intelectual. No início dos anos 20, Mariátegui esteve na Itália, onde teve “íntimo contato” com a obra pré-carcerária de Gramsci (BELLOTTO e CORRÊA, 1982, p. 15). Mas isso não implicou em qualquer tipo de filiação. Segundo Aricó:

[...] ambos evidenciam ser produtores de certo tipo de marxismo – não redutível ao leninismo – cuja vocação é se fixar em realidades nacionais que se admitem como específicas, e se expressam em uma prática teórica e política diferenciada. [...] Um evoca irresistivelmente o outro, de um modo tal que se no Peru o reavivamento do debate em torno de Mariátegui fez irromper a figura de Gramsci, no resto da América Latina, em troca, é possível que tenha sido a difusão do pensamento do autor dos *Cadernos do cárcere* que contribuiu decisivamente a *redescobrir* Gramsci. (ARICÓ, 2005, p. 160-1).

Para Aricó, os dois marxistas apresentam paralelismos e coincidências deslumbrantes que merecem um estudo aprofundado. No Brasil, já foi apontada a aproximação de Caio Prado Júnior com Gramsci por Carlos Nelson Coutinho¹⁴, e com Mariátegui por André Kaisal Velasco Cruz¹⁵.

¹⁴ Afirma Coutinho: “As analogias entre o *Risorgimento* italiano e os eventos que constituem o processo de Independência e da consolidação do Estado imperial no Brasil são significativas. Assim, não é casual que Caio Prado Jr., escrevendo sobre esses eventos em 1933 – no mesmo período, portanto, em que Gramsci elaborava seu conceito de ‘revolução passiva’ –, tivesse chegado a resultados muito semelhantes do pensador italiano. Antes de mais nada, tanto para ele como para Gramsci, os processos em questão – embora conduzidos ‘pelo alto’ – levaram a mudanças efetivas [...] Essa explicação da Independência como transformação ‘pelo alto’ – que implica mudança, mas também conservação – não esgota os pontos de aproximação entre a análise de Caio Prado e a de Gramsci.” (COUTINHO, 1989, p. 123-4)

¹⁵ Afirma Velasco Cruz: “Em primeiro lugar a ‘questão nacional’ – entendida como formação inconclusa da nação – ocupa um lugar central na obra dos dois autores [Caio Prado e Mariátegui], tanto como problema-chave para o entendimento de suas realidade locais, quanto na proposição de um programa político revolucionário. Em segundo lugar, tanto um quanto o outro teriam utilizado o marxismo enquanto método para atingir uma interpretação crítica de realidades sociais muito distantes daquelas para as quais o marxismo fora inicialmente pensado, ou seja, procuraram adequar o materialismo histórico ao entendimento das particularidades do Brasil e do Peru, ao invés de aplicar mecanicamente suas categorias à realidade social.

Ambos veem, como principal obstáculo à formação da nação, a persistência de estruturas econômicas, sociais e políticas legadas pelo passado colonial que, longe de apresentarem meros ‘resquícios’, seriam parte ‘viva’ do presente. Daí a relação colônia/nação ocupar um lugar central na forma com que ambos leem suas realidades nacionais. Por fim, Caio Prado e Mariátegui ocuparam uma posição

A difusão e a ascendência do pensamento de Gramsci na América Latina ocorreu ao mesmo tempo que na Itália ocorria um inegável refluxo. De meados dos anos 70 em diante, quando a vaga expansiva do “Outubro Cubano” já havia se esgotado e um golpe após o outro arrasou o continente como em um jogo de dominós, o conhecimento de sua obra cresceu de maneira constante e significativa entre intelectuais dos países cujo idioma é o espanhol e o português, formando “um patrimônio comum” (ARICÓ, 2005, p. 110) da esquerda reformista e revolucionária do continente. Uma série de conceitos da elaboração gramsciana, dos mais específicos aos mais complexos, como os de bloco histórico, de revolução passiva, guerra de posição e de movimento, reforma intelectual e moral, entre outros se generalizaram de tal forma que se transformaram em um “senso comum” do discurso intelectual e político da esquerda e não somente dela. Segundo Aricó, nos três grandes centros latino-americanos difusores (Argentina, Brasil e México), ocorreu uma “difundida utilização dos instrumentos conceituais de Gramsci” (ARICÓ, 2005, p. 110) para analisar novas e velhas dimensões da realidade de países e para possibilitar a abertura à sociedades mais justas.

As análises de Gramsci de uma sociedade típica do capitalismo tardio, a Itália, contribuíram para interpretações das sociedades latino-americanas, típicas do capitalismo híper-tardio, como Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, México e Uruguai a partir de processos de revolução passiva nas quais o Estado historicamente ocupa um papel preponderante. Aricó diz que Gramsci já havia assinalado a situação particular, em relação aos países europeus de capitalismo avançado, de uma série de países que chamou de “estados periféricos”: Itália, Polônia, Espanha e Portugal (ARICÓ, 2005, p. 116-120). Gramsci escreveu no Caderno 4 (1930-1932) interessantes trechos sobre a América Latina, fazendo uma leitura que busca a totalidade da América Latina¹⁶.

análoga, de heterodoxia, no interior do movimento comunista, ao qual os dois intelectuais pertenceram.” (CRUZ, 2011, p. 149-151)

¹⁶ Caderno 4 (1930-1932): “Na América meridional e central me parece que a questão dos intelectuais deve ser examinada tendo em conta estas condições fundamentais: tanto na América meridional e central não existe a categoria dos intelectuais tradicionais, mas a coisa não se apresenta nos mesmos termos que nos Estados Unidos. De fato encontramos na base do desenvolvimento desses países a civilização espanhola e portuguesa dos séculos XVI ou XVII caracterizada pela Contrarreforma e pelo militarismo. As cristalizações mais resistentes até hoje nesta parte da América são o clero e o exército, duas categorias intelectuais que em parte continuam a tradição da pátria mãe europeia. Além disso, a base industrial é muito restrita e não desenvolveu superestrutura complicada: a maior quantidade de intelectuais é do tipo rural uma vez que o latifúndio é dominante, o mesmo com a propriedade eclesiástica, esses intelectuais são vinculados ao clero e aos grandes proprietários. O problema se complica para a massa notável de

A intervenção de Gramsci em diferentes realidades demonstra a aplicação de seu método, no qual estabelece uma relação entre paradigma interpretativo e exemplificações históricas:

As passagens internas ao raciocínio seguido por Gramsci, a cautela expositiva que privilegia hipóteses interpretativas a respeito de esquemas generalizantes, induzem a individualizar um procedimento circular: de um fenômeno definido [face] a um paradigma interpretativo mais geral, que por sua vez deve ser verificado concretamente à luz de específicas exemplificações históricas. Este método de trabalho comporta uma progressiva articulação da mesma hipótese inicial. (ARICÓ, 2005, p. 129).

É interessante notar que Gramsci aplica um método circular no qual a hipótese teórica inicial é constantemente confrontada com a história. Nos *Cadernos do cárcere*, Gramsci retoma nos chamados cadernos “C” o que havia escrito nos cadernos “A”, reescrevendo e revendo suas análises e formulação.

Terminado o breve parêntese sobre o método empregado pelo nosso autor, que cremos ser de grande relevância, Gramsci chegou à alguns países pelo intermédio – paradoxal para Aricó – de outro autor: Louis Althusser. Na França, ele foi o primeiro divulgador. Segundo Aricó, ele preparou um publico leitor de Gramsci no México, na Argentina e no Chile. Mais: “A consumação do althusserianismo deixou o espaço livre para a difusão de Gramsci”; no México, Gramsci adquiriu força “na medida em todo mundo ia se esquecendo de Althusser” (ARICÓ, 2005, p. 132)¹⁷. Na sua obra de grande difusão originalmente intitulada *Pour Marx*¹⁸ (ALTHUSSER, p. 1979), algumas notas de

peles-vermelhas que em alguns países são a maioria da população. Pode-se dizer que em geral que na América meridional e central existe agora uma situação da *Kulturkampf* e do processo Dreyfus, isto é uma situação na qual o elemento laico e civil não superou a subordinação da política laica do clero e da casta militar. Assim advém em contraponto à influência dos jesuítas tinha muita importância a maçonaria e o tipo de organização cultural como da ‘Igreja Positivista’. Os acontecimentos destes últimos tempo (novembro de 1930), da *Kulturkampf* mexicano de Calles ao movimento militar-popular na Argentina, no Brasil, no Peru, na Bolívia, demonstram precisamente a exatidão dessas afirmações”. (GRAMSCI, 2007, p. 481-82) A questão seria retomada no Caderno 12, escrito em 1932 (GRAMSCI, 2007, p. 1528-29). Gramsci aborda ainda a América do Sul em outras notas.

¹⁷ Apud. CÓRDOVA, Arnaldo. Gramsci y la izquierda mexicana, *La ciudad futura*, nº 6, agosto de 1987, suplemento/4, “Gramsci en América Latina”, p. 14.

¹⁸ No Brasil saiu uma primeira edição em 1967, intitulada *Análise Crítica da Teoria Marxista*. Posteriormente, em 1979, foi publicada com seguinte o título: *A favor de Marx*. Em espanhol a obra apareceu como *Para leer El capital*.

rodapé¹⁹ faziam referência direta à Gramsci, que aparece na introdução ao lado de importantes marxistas, como Kautsky, Plekhanov, Labriola, Rosa Luxemburgo e Lenin.

Para Aricó, a obra de Gramsci permite apreender algumas características fundamentais dos países latino-americanos: a *ocidentalização*, iniciada com as independências, geralmente conquistadas pelas armas, processo histórico completando já dois séculos, levou a uma organização institucional, ideológica e política de várias burguesias, além de do desenvolvimento capitalista²⁰. Aricó aponta também a *revolução passiva*, indicando a ausência de uma participação autônoma das massas populares nos processos latino-americanos como um todo, cujas exceções foram poucas, apesar de expressivas²¹. Nesse sentido, Aricó indica que:

[...] a adoção de Gramsci pelo pensamento social latino-americano está vinculado ao fato de que as peculiaridades nacionais dos países de nossa região encontram em suas proposições teóricas, em seus conceitos fundamentais e em seu método de indagação, a possibilidade de ser universalizados em um critério de interpretação mais geral que inclua a singularidade latino-americana em uma tipologia mais de acordo com a realidade das formações estatais. (ARICÓ, 2005, p. 139)

À guisa de conclusão: cremos que a chave-interpretativa latino-americana é possível e necessária. Da mesma maneira que Gramsci dizia ser peremptória uma revolução nacional na Itália, cujo espalhamento pelo território italiano evitaria que as ilhas se transformassem em bases insulares da contra-revolução, uma revolução latino-americana integraria os povos do continente para além da lógica mercadológica do capital. A integração revolucionária da América Latina faria com que alguns países

¹⁹ Em uma das notas, por exemplo, diz Althusser: “As tentativas de Lukács, limitadas à história da literatura e da filosofia, me parecem contaminadas por um hegelianismo vergonhoso: como se Lukács quisesse fazer-se absolver por Hegel por ter sido discípulo de Simmel e Dilthey. Gramsci é de outra estatura. Os desenvolvimentos e as notas dos seus *Cadernos do cárcere* tocam em todos os problemas fundamentais da história italiana e européia: econômico, social, político, cultural. Encontra-se nele pontos de vista absolutamente originais e às vezes geniais sobre esse problema, hoje fundamental, das superestruturas. Neles encontra-se também, como deve ser quando se trata de verdadeiras descobertas, de *conceitos novos*, por exemplo, o conceito de *hegemonia*, notável exemplo de um esboço de solução teórica aos problemas de interpretação do econômico e do político. [...]” (ALTHUSSER, 1979, p. 100 – grifos originais).

²⁰ No Brasil a situação histórico apresenta-se mais complexa, pois apesar dos conflitos, a Independência não foi resultado de um levante nacional, como o foi no México, por exemplo. Além disso, os partidos políticos existentes durante o Império funcionavam mais como apêndices do poder monárquico, do que as modernas agremiações partidárias. Sem falar da continuidade e do fortalecimento do regime escravista após a Independência.

²¹ A Revolução Haitiana (1804), talvez alguns momentos das Revolução Mexicana (1910), a Revolução Cubana (1959), em alguns momentos a Revolução Chilena (1970-1973), a Revolução Nicaraguense (1979).

deixassem de ser ponta-de-lança do imperialismo, como a Colômbia, o pretense Israel latino-americano, ou Honduras, que foi base de treinamento dos Contra. Impediria uma integração da reação continental e reedições da Operação Condor. No entanto, a questão nacional não deve desaparecer na nossa nação de nações, os revolucionários devem encontrar a justa medida da relação do nacional como o regional e com o internacional. Gramsci abordou rapidamente essa questão, apontando para uma oportuna chave dialética²².

Concordamos com José Aricó que o pensamento de Gramsci é um fermento, aliás formidável, para uma reforma intelectual e moral. No entanto, essa fermentação é nula se distanciada das lutas da classe trabalhadora: a inorganicidade transforma intelectuais em doutrinadores dogmáticos. Cremos que mesmo ainda não tendo feito a massa crescer ao ponto dela se tornar crítica, isto é, de contribuir para a concretização da revolução latino-americana, a obra do comunista italiano vem impulsionando, particularmente na realidade brasileira, a renovação ao nível do saber e da teoria na universidade (em pelo menos alguns núcleos universitários) e a reformulação de organizações da esquerda. As próximas revoluções terão em Gramsci uma de suas fontes inspiradoras.

²² Na nota a seguir – que relaciona a personalidade individual com a questão nacional e a “personalidade nacional” – Gramsci afirma que: “[...] A personalidade nacional (como a personalidade individual) é uma mera abstração se considerada fora do nexos internacional (ou social). A personalidade nacional (como personalidade individual) é uma mera abstração se considerada fora do nexos internacional (ou social). A personalidade exprime uma ‘distinção’ do complexo internacional, portanto está às relações internacionais. [...]” (GRAMSCI, 2007, p. 1962).

Bibliografia

ALTHUSSER, Louis. *A favor de Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ARICÓ, José M. Pasado y presente. *Pasado y Presente*, nº 1, ano 1, abril-junho de 1963, p. 1-17. Disponível em: <www.arico.unc.edu.ar>, acesso em: 10 de setembro de 2013.

_____. *Marx e a América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Tradução de Maria Celeste Marcondes.

_____. *El educador de las massas* (1974). In: CRESPO, Horacio (Ed.). *José Aricó: Entrevistas (1974-1991)*. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados – Universidade Nacional de Córdoba, 1999. p. 115-120.

_____. *La cola del diablo*. Itinerario de Gramsci em América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

BELLOTTO, Manoel L. e CORRÊA, Anna Maria M. *Introdução*. In: *José Carlos Mariátegui: Política*. São Paulo: Ática, 1982.

BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Uma via “não clássica” para o capitalismo*. In: D’INCAO, Maria Angela. *História e ideal: ensaios sobre Caio Prado Júnior*. São Paulo: Brasiliense, Unesp, Secretaria de Estado da Cultura, 1989. p. 115-131

_____. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. 3 ed. ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CRESPO, Horacio (Ed.). *José Aricó: Entrevistas (1974-1991)*. Córdoba: Centro de Estudios Avanzados – Universidade Nacional de Córdoba, 1999.

CRUZ, André Kaisal Velasco. *Imperialismo e burguesia nacional em Caio Prado Jr. e José Carlos Mariátegui*. In: PINHEIRO, Milton (Org.). *Caio Prado Júnior: história e sociedade*. Salvador: Quarteto, 2011.

DEUTSCHER, Tamara. *Trotsky, Lev Davidovitch* (verbete). In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 393-4.

FERREIRA, Oliveiros S. *Os 45 cavaleiros húngaros: uma leitura dos Cadernos de Antonio Gramsci*. Brasília: UNB; São Paulo: Hucitec, 1986.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Edizione critica dell’Istituto Gramsci. A cura di Valentino Gerratana. 3 ed. Torino: Einaudi, 2007.

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

INFRANCA, Antonio. O marxismo de José Aricó e sua interpretação de Gramsci. *Novos Rumos*, ano 19, núm. 41, 2004, p. 31-38. Tradução de Geraldo Magella Neris.

ÍPOLA, Emílio de. *Para ponerle la cola al diablo*. In: ARICÓ, José M. *La cola del diablo*. Itinerario de Gramsci em América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005. p. 9-22.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2002.

KOHAN, Néstor. *José Aricó, “Pasado y Presente” y los gramscianos argentinos (2005)*. Disponível em: <www.rebellion.org>, acesso em: 10 de setembro de 2013.

LÖWY, Michel. “Consciência de classe e Partido Revolucionário”. *Revista Brasiliense*, São Paulo, nº 41, maio-junho de 1962.

_____. *O marxismo na América Latina: Uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 2 ed. amp. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

MACCIOCCI, Maria-Antonietta. *A favor de Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MAZZEO, Antonio Carlos. *Lenin, e a Internacional Comunista na questão do Oriente*. In: ROIO, Marcos Del (Org.). *Marxismo e Oriente: quando as periferias tornam-se os centros*. São Paulo: Ícone; Marília: Oficina Universitária da FFC – Unesp Marília, 2008. p. 91-111.

MUSSE, Ricardo. *Prefácio: A consciência da classe entre a negação e o consentimento (2006)*. In: IASI, Mauro. *As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 9-13.

SECCO, Lincoln. *Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias*. São Paulo: Cortez, 2002.

SPRIANO, Paolo. *Marxismo e historicismo em Togliatti*. In: HOBBSAWM, Eric J. *História do Marxismo; o marxismo na época da terceira internacional: de Gramsci à crise do stalinismo*. Vol. X. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1987. p. 251-306.